

Uma *Athena* plural

[A plural *Athena*]

Carlotta Defenu*

Steffen Dix**

Palavras-chave

Athena: Revista de Arte, Centenário, Obra aberta, Pluralidade, Literatura, Arte.

Resumo

Por ocasião do centenário da publicação do primeiro número da revista *Athena*, este *special issue* da *Pessoa Plural* oferece uma revisitação plural e original da revista criada por Fernando Pessoa em colaboração com Ruy Vaz. Para interpretar uma publicação revelada há cem anos, considera-se essencial explorar o contexto específico em que *Athena* surgiu. Sobretudo, interessa-nos o diálogo entre *Athena* e *Orpheu* – a primeira grande revista pessoana – bem como o panorama nacional e internacional em que se insere. *Athena* representa uma reflexão complexa sobre uma época de grandes transformações, aproximando-se ou contrastando com outros projetos culturais emergentes na Europa da primeira metade do século XX. Este dossier problematiza aproximações, continuidades e divergências entre os tempos de *Orpheu* e *Athena*, situando esta última enquanto objeto cultural singular e fundamental na bibliografia pessoana.

Keywords

Athena: Revista de Arte, Centenary, Open Work, Plurality, Literature, Art.

Abstract

On the occasion of the centenary of the first issue of the magazine *Athena*, this special issue of *Pessoa Plural* offers a diverse and original revisiting of the magazine created by Fernando Pessoa in collaboration with Ruy Vaz. To interpret a publication revealed a hundred years ago, it is essential to explore the specific context in which *Athena* emerged. Above all, we are interested in the dialogue between *Athena* and *Orpheu*—Pessoa's first major magazine—as well as the national and international landscape in which it is situated. *Athena* represents a complex reflection on an era of great transformations, aligning or contrasting with other emerging cultural projects in early 20th-century Europe. This dossier explores the connections, continuities, and differences between the times of *Orpheu* and *Athena*, situating the latter as a unique and essential cultural object in Pessoa's bibliography.

* Universidade Nova de Lisboa/ IELT.

** Centro de Estudos Globais – Universidade Aberta (CEG-UAb).

Ao filósofo pré-socrático Heráclito são atribuídas as seguintes palavras: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio” (cf. CARNEIRO LEÃO, 1980: 113). Esta frase aplica-se a todos os aspectos da vida, incluindo, por exemplo, a leitura de um poema. Dado que as condições sociais e emocionais influenciam permanentemente o nosso comportamento cognitivo, lemos o mesmo poema sempre de forma diferente. Contudo, cada poema é também um objeto singular, determinado por códigos linguísticos e materiais específicos, que o distinguem de todos os outros e condicionam as suas possibilidades de leitura. Assim, um poema é sempre o mesmo e, ao mesmo tempo, outro.

Em *Obra Aberta*, Umberto Eco afirma que, embora um autor conceba a própria obra a partir de uma rede de efeitos comunicativos, de modo que essa obra possa ser compreendida e apreciada conforme a sua criação, cada apreciador traz consigo uma realidade existencial peculiar, assente numa sensibilidade específica e numa bagagem cultural que fazem com que a compreensão de uma obra de arte seja sempre orientada por uma perspectiva individual. É nesse sentido que “uma obra de arte, forma acabada e fechada na sua perfeição de organismo perfeitamente calibrado, é igualmente aberta, com possibilidade de ser interpretada de mil modos diferentes sem que a sua irreproduzível singularidade seja por isso alterada” (ECO, 1989: 68).

Estas constatações levantam várias dificuldades quando referidas a um poema em particular e ainda mais quando se aplicam à obra literária de um autor ou ao conteúdo de uma revista que reúne diversos poetas, escritores ou artistas. Se, no momento em que uma revista foi publicada, já se notavam divergências e contrastes entre os projetos autorais dos seus vários colaboradores e entre estes e a sociedade envolvente, o que dizer de quem entra em contato com a revista a partir de um contexto sociocultural completamente diverso? Quais serão os critérios a adotar ao interpretar uma revista de literatura e arte que é, simultaneamente, modernista e centenária? A leitura que hoje propomos ao leitor deste número da *Pessoa Plural* será sempre um “terceiro território”, situado entre o que podemos inferir do discurso programático de Pessoa, principal ideólogo de *Athena*, e o que inevitavelmente advém do nosso tempo, das nossas experiências de leitores e agentes culturais, bem como do acesso ao que sucedeu após a publicação da revista, incluindo as suas repercussões imediatas ou posteriores na trajetória de outros escritores e em publicações subsequentes.

Independentemente da nossa própria interpretação, há várias razões objetivas para uma revisitação permanente de obras literárias que não fazem parte do nosso discurso quotidiano. Não se trata apenas de constatar que algumas dessas obras podem ser consideradas testemunhos históricos, mas também de questionar por que motivo essas obras em particular – e não outras – se tornaram testemunhos históricos. Em outras palavras, por que razão surgiu o consenso coletivo de que certas obras literárias históricas merecem ser revisitadas regularmente?

Antes de mais, importa recordar o contexto global ao qual, de certa forma, *Athena* pertence, ainda que fruto de associações críticas discutíveis, mas determinadas pela necessidade de arrumar escritores, respetivas produções e agrupamentos em gerações, ciclos criativos, dinâmicas de interação conjunta ou propostas de rutura e reação ao seu contexto e aos seus precursores. E que, obviamente, merecem, neste âmbito como em qualquer exercício de releitura, ser sujeitos a inquérito, tanto mais produtivo quanto maiores forem a distância e os recursos de que dispusermos para iluminar os mesmos assuntos a partir de ângulos progressivamente desdobrados.

Assim, a narrativa de *Athena* que nos importa convocar e discutir começa, necessariamente, na primavera e verão de 1915, quando em Lisboa surgiram os dois números da revista *Orpheu*. É essa primeira publicação da geração que ficará identificada pelo nome da revista – *Orpheu* – que determinará as condições de acesso crítico às que se seguiram. A esse conjunto pertencem diferentes tipologias de publicações, incluindo as revistas efémeras surgidas no ano subsequente, *Centauro* e *Exílio*, a revista relativamente isolada que mais longe parece ter ido no diálogo provocatório com as vanguardas europeias, *Portugal Futurista* (1917), o projeto de *Contemporânea* (1915; 1924-1926), que se apresentou com pretensões de renovar o espírito de *Orpheu*, mas com diferenças programáticas consideráveis – evidenciadas pelo próprio Pessoa¹ – ou mesmo a revista mais emblemática e duradoura da geração seguinte, *presença* (1927-1940).

Quando, a partir de outubro de 1924, saíram os cinco números da revista *Athena*, considerada uma revista “puramente da arte”, como se lê numa entrevista concedida por Pessoa ao *Diário de Lisboa* (PESSOA, 1924: 5), a figura de Fernando Pessoa ficou indelevelmente ligada a esta publicação, agora como um dos principais responsáveis, juntamente com Ruy Vaz, e o único com continuidade evidente relativamente aos editores do segundo número de *Orpheu*. Apesar dos diferentes protagonismos que as duas revistas tiveram junto da crítica subsequente, *Athena* deve ser considerada, juntamente com *Orpheu*, uma das mais importantes revistas do modernismo português ou, pelo menos, uma das revistas mais representativas da primeira geração normalmente associada a esse movimento, dado que *presença* ocupa um terceiro momento, afastado — uma “contra-revolução do modernismo português”, de acordo com a definição de Eduardo LOURENÇO (1974) —, porém indispensável e com diálogos importantíssimos com os dois periódicos antecessores. No seu tempo, *Orpheu* foi entendida como uma revista provocadora; *Athena*, por seu lado, parece, a um primeiro olhar, mais comedida e associada à situação literária contemporânea, e talvez por isso tenha sido aparentemente mais ignorada pelo público coetâneo.

¹ Relembre-se a carta de 4 de agosto de 1923 que Fernando Pessoa envia a Armando Côrtes-Rodrigues e na qual afirma: “V. tem visto a *Contemporânea*. É, de certo modo a sucessora do *Orpheu*. Mas que diferença! que diferença! Uma ou outra coisa relembra esse passado; o resto, o conjunto...” (PESSOA, 1985: 71).

Embora *Orpheu* tenha sido apenas o produto de um pequeno grupo de jovens poetas e artistas, na altura ainda desconhecidos, conseguiu provocar imediatamente um grande escândalo no meio literário e cultural português, maioritariamente fixado em Lisboa, mas com ressonâncias um pouco por todo o país. Este escândalo teve início no mesmo mês da publicação da revista, quando, no dia 30 de março de 1915, foi publicado nas páginas da revista *A Capital* um artigo intitulado “Literatura de manicómio – Os poetas do ‘Orpheu’”, em que se afirma que, do primeiro número de *Orpheu*, “os autores que nele participam pertencem a uma categoria de indivíduos que a ciência definiu e classificou dentro dos manicómios”. (ANÓNIMO, 1915: 1; disponível em linha [cf. Bibliografia]: a este respeito, ver: JÚDICE, 1986: 59-87).

Com dois números publicados e apesar do escândalo suscitado, *Orpheu* teve uma vida curta, mas conheceu um efeito persistente, na medida em que contribuiu de modo significativo para agitar o meio literário português, redefinir uma série de dinâmicas entre diferentes instâncias da sociedade portuguesa e promover novos parâmetros de aferição do papel da literatura e da arte numa sociedade mergulhada num certo atavismo cultural, que em breve conheceria um novo regime censório.

Adicionalmente, o projeto de *Orpheu* respondia também a dois propósitos fundamentais: por um lado, a necessidade de propor alternativas eficazes à definição da nova geração poética, que não passassem pelo exclusivismo nacionalista proposto pelo Saudosismo e pelo Integralismo Lusitano, veiculado por revistas como *A Águia*, nas quais Pessoa tinha publicado os ensaios em que visava lançar o novo ismo por ele teorizado, o paulismo, mas da qual rapidamente se destacara precisamente pela incompatibilidade entre a sua visão literária e o espírito lusitanista e saudosista da revista dirigida por Álvaro Pinto (a este respeito, cf. SOUSA, 2011: 32-33). Por outro lado, é oportuno ter em conta o propósito pessoano de fazer de *Orpheu* uma revista cosmopolita e uma tentativa de construir uma ponte entre Portugal e a Europa, atribuindo à revista de 1915 o objetivo de internacionalizar a literatura portuguesa; leia-se, a este respeito, o fragmento [BNP/E3, 87-33^a]: “Acaba de publicar-se o terceiro número de ORPHEU. Esta revista é, hoje, a única ponte entre Portugal e a Europa [...] Comprar ORPHEU é, enfim, ajudar a salvar Portugal da vergonha de não ter tido senão a litteratura portugueza. ORPHEU é todas as litteraturas” (PESSOA, 2009: 37).

A revisitação da revista *Athena* pode ser justificada por uma mesma ordem de razões, se procurarmos fazê-lo a partir de ângulos mais vastos, que não se prendam exclusivamente à situação da revista de 1915, mas que passem, por exemplo, pelo seu lugar significativo no contexto da obra de Fernando Pessoa, pela sua dinâmica sem equivalente no panorama global das revistas modernistas portuguesas ou pelas implicações que tem na própria apreciação do conteúdo e das potencialidades do Modernismo português.

A razão para uma revisitação reside precisamente nos objetivos fundamentais da revista, que são, em muitos aspetos, os mesmos de *Orpheu*, ainda que conseguidos por vias distintas – e mais relevantes, talvez, precisamente por isso. Na entre-

vista ao *Diário de Lisboa* de 3 de novembro de 1924, Pessoa afirma explicitamente o intuito pedagógico do projeto de *Athena*, que consiste em ensinar diversidade:

Exclui-se, primeiro, o critério de homogeneidade (escola ou corrente); assim se acentua e se ensina que a arte é essencialmente multiforme, o que é uma das primeiras coisas que tem que aprender muita gente que já o sabe. Nas estampas da primeira *Athena* verá reproduções de arte de um clássico, de um romântico, de um contemporâneo. Na parte literária, igual diversidade se busca, como se vê e verá.

(PESSOA, 1924: 5)

Na sua recusa programática da homogeneidade – ou, especificamente, na sua defesa da pluralidade – *Athena* revela-se, como já *Orpheu* em 1915, uma revista europeia por excelência. Embora Pessoa tenha entendido *Athena* como uma revista “puramente de arte”, poderia dizer-se que a insistência na diversidade cultural e artística constitui uma intenção mais vasta, de índole filosófica e de inequívoco alcance político, sobretudo num contexto fortemente marcado por vários nacionalismos, em alguns casos com fortes tendências totalitárias, algo que já era uma das imagens de marca de *Orpheu*. Nesse sentido, o projeto de *Athena* revela também a sua marcante atualidade.

Enquanto revista com alcance europeu, *Athena* deve ser relida em toda a produtividade oferecida pela sua intenção plural, de sobreposição ou intersecção de culturas diversas, exprimindo na sua natureza profundamente dialogante o que de pluridimensional caracteriza qualquer realidade cultural dinâmica. Se lermos atentamente as propostas europeias coevas, notaremos uma interpretação da cultura essencialmente moderna.

Em várias declarações dos heterónimos, lê-se que a afirmação central de Alberto Caeiro consiste na frase seguinte: “a natureza é partes sem um todo”, verso do poema XLVII de *O Guardador de Rebanhos* (PESSOA, 1925: 155). Esta frase também poderia ser expressa de outra forma: a nossa realidade é uma diversidade que não pode ser entendida como homogeneidade. Assim, a obra literária de Pessoa – tal como os conceitos fundamentais de revistas como *Orpheu* e *Athena* – reflete toda a complexa, contraditória e conflituosa ambivalência das primeiras décadas do século XX. Por um lado, observa-se uma complexidade crescente da vida em geral e uma decomposição do eu; por outro, encontra-se o anseio de integridade, unidade e grandeza nacionais. A primeira parte desta ambivalência foi defendida em *Orpheu* e *Athena*, enquanto a segunda parte conduziu diretamente a duas guerras mundiais devastadoras.

A este respeito, não houve qualquer evolução entre *Orpheu* e *Athena*. Ambas as revistas estão ao mesmo nível e defendem efetivamente a mesma coisa: a existência e o direito à pluralidade. Desse modo, *Athena* pode ser lida como uma continuação de *Orpheu*, mas que dirige o seu foco para outras facetas da obra de Pessoa e para outros diálogos que este procurou estabelecer, ampliando o enredo do seu *drama em gente* de forma criativa e pessoal.

Hoje em dia, já não podemos ler as duas revistas como contemporâneas de Fernando Pessoa, de Mário Sá-Carneiro, de José Pacheco ou de Ruy Vaz. As nossas experiências são diferentes. O rio continua o mesmo, mas as águas não são iguais. É precisamente tendo isto em mente que queremos celebrar o centenário de *Athena* através dos contributos apresentados neste dossier temático da revista *Pessoa Plural*. Esta edição deve ser entendida como um compromisso com a variedade e a diversidade, incondicionalmente defendidas por Fernando Pessoa e pelos outros colaboradores das principais revistas da sua geração.

Neste sentido, procurámos convidar um conjunto significativo de estudiosos que, através de perspetivas muito diversas, aceitaram dirigir um novo olhar à revista *Athena*, de ângulos distintos, mas complementares, e atendendo à própria diversidade dos autores, contributos e secções que compõem as páginas da revista, de modo a proporcionar uma visão heterogénea de *Athena*.

O dossiê abre com um contributo de Steffen Dix, no qual se propõe oferecer um enquadramento da revista *Athena* no contexto sociocultural do século XX europeu, com o intuito de explorar as relações entre a revista e a mentalidade contemporânea da sociedade em que esta se desenvolveu, permitindo, desse modo, compreender a dialética entre modernidade e modernismo. Nesta análise, é oferecida uma perspetiva comparativa entre os projetos de *Orpheu* e *Athena*, que revela a existência de uma “continuidade descontínua” entre as duas revistas; defende-se que, para a revista de 1924, Fernando Pessoa retoma a conceção universalista já veiculada através da experiência de *Orpheu*.

Uma perspetiva de comparação entre *Athena* e *Orpheu* caracteriza parcialmente também o contributo seguinte do dossiê, assinado por Carlotta Defenu, no qual se indagam as duas vertentes com que se articula o *revival* classicista da revista *Athena*, explorando a ideia de que é graças a esta revalorização do classicismo que a revista pode ser considerada um projeto de *arrière-garde* que se contrapõe e complementa a verve vanguardista que o próprio Pessoa tinha lançado com *Orpheu*.

Depois de uma perspetiva mais exterior, os seguintes contributos do *special issue* visam analisar *Athena* a partir de uma perspetiva interior.

Joana Cunha Leal propõe-se revalorizar a componente artística da revista *Athena*, cuja dimensão plástica foi historicamente considerada irrelevante e negligenciada nos estudos de arte e cultura visual. O contributo busca resgatar essa dimensão, analisando a trajetória de Ruy Vaz enquanto diretor da revista e as suas escolhas editoriais, e explorando o impacto da história da arte e das imagens no projeto pedagógico de *Athena*, de modo a desafiar ou, pelo menos, colocar em discussão a leitura predominante de sua inconsistente relevância em termos de artes visuais.

Margarida Vale de Gato foca-se nas traduções pessoais publicadas em *Athena*, com o intuito de estabelecer elos de ligação entre a prática tradutória de que Pessoa dá mostra na revista e os propósitos estéticos da mesma, nomeadamente o neopaganismo, a encenação heteronímica e a dialética entre a conceção da arte enquanto

equilíbrio e a concepção da arte enquanto forma, ideais diferentes defendidos, respectivamente, por Pessoa ortónimo e pelo heterónimo Álvaro de Campos.

O contributo de Gianluca Miraglia estuda pormenorizadamente a transformação do heterónimo Ricardo Reis, cuja estreia ocorre em *Athena* em 1924, com a publicação do *Livro Primeiro da Odes*. A primeira apresentação pública do heterónimo deu a conhecer uma versão “renascida”, bem diferente da criada em 1914. Com efeito, um confronto entre as composições preparadas para o heterónimo, nesse primeiro ano de vida, e as versões dadas à estampa uma década depois, evidencia o profundo trabalho de reformulação empreendido por Pessoa. O estudo sublinha a importância deste “renascimento” de Reis, ao mesmo tempo que reflete sobre o próprio processo de reformulação do heterónimo e sobre as vias de projeção deste ao longo da década de 1920, sem integrar as odes iniciais, reafirmando o carácter definitivo do Reis de *Athena*.

No artigo de Flávio Rodrigo Penteado, o foco deixa de incidir no contributo pessoano na revista para se concentrar na colaboração do escritor sintrense Francisco Costa, que trocou com o poeta dos heterónimos uma breve, mas intensa, correspondência que Penteado analisa no pormenor, com o intuito de enquadrar a colaboração de Costa na revista e de sublinhar, numa ótica comparativa, semelhanças e diferenças entre as concepções estéticas dos dois autores. A relação epistolar de Costa e Pessoa teve impacto na mudança de perspectiva da visão poética do primeiro, orientada pelo princípio “nem emoção sem arte, nem arte sem emoção”.

O olhar expande-se novamente com os últimos dois contributos da revista, que apresentam reflexões sobre a receção e o legado da mesma.

Em “Athena e o argonauta das sensações verdadeiras”, Caio Gagliardi desenvolve-se a partir das considerações do professor Antônio Nogueira acerca do poema XLVI de *O Guardador de Rebanhos*, tentando ressaltar a pluralidade de sentido que o texto adquire quando tendo em consideração três diferentes contextos: o âmbito geral da revista *Athena*, o escopo mais estrito do ciclo poemático em que está inserido, e o plano do excerto do poema apresentado no maior vestibular do Brasil em 2008, no qual o professor Antônio Nogueira era corretor.

Segue-se um estudo de Rui Sousa sobre o diálogo intercorrido entre Fernando Pessoa e José Saramago, atentando sobretudo na receção saramaguiana das odes de Ricardo Reis publicadas na revista *Athena* e de como esta receção foi crucial para o modo como Saramago tomou contacto com Pessoa e procedeu à escrita de *O ano da morte de Ricardo Reis*.

O dossiê termina com um artigo de Teresa Filipe, em que a autora explora as informações que podemos obter através do exemplar anotado da revista *Athena*, recentemente integrado na biblioteca particular de Fernando Pessoa, destacando a sua relevância para os estudos pessoanos. Pela primeira vez, apresenta-se uma transcrição completa das anotações feitas por Pessoa. O estudo permite também uma reflexão sobre o conteúdo das principais edições de referência e sobre as diferentes

abordagens a estas intervenções autorais, nomeadamente ao nível da opção por incluí-las ou não. Esta investigação questiona o estatuto da marginália, concentrando-se nas implicações críticas e editoriais deste tipo de anotação textual. A pesquisa destaca ainda a unicidade desse exemplar anotado e a presença de alguns colaboradores da revista na biblioteca particular pessoana.

Assim, através de uma panorâmica que procura observar a revista *Athena* a partir de múltiplos olhares, que consideram as idiossincrasias do projeto pessoano, o contexto no qual ele se insere, os colaboradores que nela participaram e a receção que a revista proporcionou, esperamos que este *special issue* da *Pessoa Plural* dedicado ao centenário de *Athena* possa contribuir para uma visão heterogénea e original da revista.

Bibliografia

- ANÓNIMO (1915). “Literatura de manicómio – Os poetas do ‘Orpheu’”. *A Capital*, n.º 1670, Lisboa, 30 de Março. <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/ACapital.HTM>
- CARNEIRO LEÃO, Emmanuel (1980) (trad.). *Heráclito. Fragmentos. Origem do Pensamento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- ECO, Umberto (1989). *Obra Aberta*. Trad. de João Rodrigo Narciso Furtado. Lisboa: Difel.
- JÚDICE, Nuno (1986) *A Era de Orpheu*. Lisboa: Teorema.
- LOURENÇO, Eduardo (1974). *Tempo e Poesia*. Porto: Inova.
- PESSOA, Fernando (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1925). “Escolha de Poemas de Alberto Caeiro (1889-1916). De ‘O Guardador de Rebanhos’ (1911-1912)”. *Athena*, n.º 4, Lisboa, Janeiro, pp. 145-156.
- ____ (1924). “A revista ‘Athena’ e o que nos afirmou Fernando Pessoa”. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 3 de novembro, p. 5.
- SOUSA, Rui. (2011). *Os bastidores de Orpheu*. Lisboa: Lusofia Press. Disponível no seguinte link: https://lusosofia.ubi.pt/textos/20121023-sousa_rui_os_bastidores_de_orpheu.pdf

CARLOTTA DEFENU é bolsista de pós-doutoramento no âmbito do projeto de investigação *Modernismo.pt*, do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Universidade Nova de Lisboa. A sua investigação foca-se no tratamento e na edição dos espólios de Ronald de Carvalho e Armando Côrtes-Rodrigues. Obteve o Mestrado em Língua e Literatura Portuguesa na Universidade Sapienza de Roma e doutorou-se em Crítica Textual na Universidade de Lisboa, com uma tese sobre a génese e a reescrita da poesia ortónima de Fernando Pessoa. Publicou vários artigos e capítulos de livros, com foco em questões de crítica textual, crítica genética e estudos genéticos de tradução.

CARLOTTA DEFENU is a postdoctoral fellow in the research project *Modernismo.pt* at the Institute for the Study of Literature and Tradition of the Nova University of Lisbon. Her research focuses on the work of Ronald de Carvalho and Armando Côrtes Rodrigues. She obtained a Master's degree in Portuguese Language and Literature from the Sapienza University of Rome and a Ph.D. in Textual Criticism from the University of Lisbon, with a thesis on the genesis and rewriting process of Fernando Pessoa's orthonymous poetry. She has published various articles and book chapters, focusing on issues of textual criticism, genetic criticism, and genetic translation studies.

*

STEFFEN DIX frequentou a Universidade de Tübingen, a Universidade Católica Portuguesa e a Freie Universität Berlin. De 2005 a 2013, foi investigador de pós-doutoramento no Instituto de Ciências Sociais de Lisboa. Atualmente, é professor auxiliar e coordenador do curso de Estudos Europeus na Universidade Aberta (UAb). Coordena também o grupo de investigação "Religião, Globalização e Dinâmicas Locais" no Centro de Estudos Globais da UAb. Os seus interesses de investigação incluem, sobretudo, a história religiosa e a secularização na Europa, bem como o modernismo europeu. Publicou ou editou vários livros, números especiais, capítulos de livros e artigos em revistas científicas internacionais.

STEFFEN DIX attended the University of Tübingen, the Catholic University of Portugal, and the Freie Universität Berlin. From 2005 to 2013, he was a postdoctoral researcher at the Institute of Social Sciences in Lisbon. He is currently an assistant professor and coordinator of the European Studies program at the Open University (UAb). He also coordinates the research group "Religion, Globalization, and Local Dynamics" at the Center for Global Studies at UAb. His research interests primarily include religious history, secularization in Europe, and European modernism. He has published or edited several books, special issues, book chapters, and articles in international scientific journals.